Jornalismo e ambiente: a proximidade distante entre os estudos brasileiros e portugueses

Journalism and environment: the distant proximity between Brazilian and Portuguese studies

REGES SCHWAAB *

BARROS, Antonio Teixeira e SOUSA, Jorge Pedro (2010).

Jornalismo e ambiente: análise de investigações realizadas no Brasil e em Portugal.

Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 112 p.

RESUMO

Esta resenha apresenta o mapeamento de estudos sobre jornalismo e meio ambiente no Brasil e em Portugal desenvolvido por Antônio Teixeira de Barros e Jorge Pedro Sousa. *Jornalismo e Ambiente: análise de investigações realizadas no Brasil e em Portugal* é uma contribuição inédita nessa área de estudos, discutindo paralelos e especificidades históricas, temáticas e metodológicas de investigação nos dois países. O presente texto mostra os aspectos centrais da obra e comenta as principais conclusões.

Palavras-chave: Jornalismo ambiental; campo jornalístico; meio ambiente; Brasil; Portugal

ABSTRACT

This review presents the mapping of studies on journalism and environment in Brasil and Portugal developed by Antonio Teixeira de Barros and Jorge Pedro Sousa. The book *Jornalismo e Ambiente: análise de investigações realizadas no Brasil e em Portugal* is an unprecedented contribution in this specific area. It discusses historical, thematic and methodological parallels and specificities in both countries. This text shows the key aspects of the work and comments on the main conclusions.

Keywords: Environmental journalism; journalistic field; environment; Brazil; Portugal

* Jornalista, doutorando em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e bolsista Capes.

EM *JORNALISMO E Ambiente: análise de investigações realizadas no Brasil e em Portugal*, a proposta de Antonio Teixeira de Barros e Jorge Pedro Sousa é tensionar as geografias de dez obras de referência sobre a temática, cinco de cada país. Brasileiros e portugueses traçam linhas paralelas e que, por essa condição, não se tocam, apesar das afinidades entre os estudos apontadas no livro. A publicação mostra-se, desta forma, um mapa necessário, apesar de não definitivo. No presente texto, apresentamos o livro e algumas reflexões acerca dos caminhos apontados por ele para pesquisas na área de jornalismo e meio ambiente.

O número de trabalhos que analisam a abordagem jornalística da pauta ecológica tem aumentado na última década. Um crescente que busca dar conta da tematização periódica da discussão ambiental global, desdobrada em diferentes coberturas: cotidiano, comportamento, política, economia, consumo, ciência e terceiro setor. O conjunto de trabalhos que dá base ao estudo permite perceber agendas delineadas por disputas de sentido entre diferentes campos sociais, fornecedoras dos substratos que nutrem a cobertura jornalística. E avaliar essa cobertura é a grande motivação das pesquisas sobre o tema.

Ao pensar a relação Brasil – Portugal, é tentador acionar o célebre dizer do poeta Fernando Pessoa: “navegar é preciso”¹. Sim, porque falta cruzar o Atlântico, como bem sublinham as conclusões do livro. Para encontrar as afinidades que permitam afirmar o que aqui chamamos de “proximidade distante”, os autores buscaram as obras mais citadas em eventos, periódicos científicos e livros. Nos dois países, o marco inicial é a metade da década de 1980, quando começam a ser publicadas investigações sobre Jornalismo Ambiental. O levantamento foi complementado por indicações de investigadores, enquetes, categorização das obras de maior relevância, até a seleção, a partir do cruzamento das etapas citadas. Além das dez principais referências, outros quarenta títulos de maior recorrência ajudam a compor um panorama mais geral.

Entre as dez obras principais, cinco de cada país, são do Brasil os dois estudos anteriores aos anos 2.000. Este é um reflexo direto que diferentes eventos internacionais tiveram no jornalismo e, por consequência, na pesquisa. A primeira lembrança é a influência da Rio 92, realizada no Rio de Janeiro. Depois, 1997, com a assinatura do acordo de redução das emissões de gases estufa, o Protocolo de Kyoto. É a realização da Rio+10 (na África do Sul, em 2002), entretanto, e a divulgação dos relatórios do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (2003 e 2007), que consolidam um modelo “midiacêntrico” (p. 50-53), ancorado em documentos oficiais, fatos e acordos emblemáticos, alinhado ao próprio reorientar-se do ambientalismo, com novas formas de pautar os temas ecológicos.

1. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000001.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2010.

Jornalismo e Ambiente: análise de investigações realizadas no Brasil e em Portugal está dividido em seis capítulos. No primeiro, o foco está nos antecedentes do jornalismo sobre ecologia em cada país. Merecem atenção os eventos internacionais e as redefinições históricas do *ethos* ambientalista. No capítulo seguinte, somos apresentados a um conjunto conceitual polissêmico sobre ambientalismo, conectado com o panorama anterior. O livro pontua acontecimentos de importante valor discursivo, definidores de alguns movimentos-chave no dizer sobre ecologia em escala planetária. Ao reconstruir processos históricos, os autores circulam a importante virada na abordagem dos temas nacionais e locais, que passam a ser incorporados nas problemáticas globais (como nas causas e soluções para as mudanças climáticas, por exemplo). É o mesmo contexto que permite cercar o advento do Pensamento Complexo, tal como o formulou Edgar Morin, como eixo fundamental para o debate sobre ecologia e para a construção de definições em torno do próprio conceito de Jornalismo Ambiental. Fechando a parte inicial do livro, os autores discutem como as questões ambientais encontraram, no seio do capitalismo neoliberal, as condições de emergência como racionalidade. O ambientalismo é delineado como um campo polinucleado de poder no qual a comunicação também é agente.

A partir do terceiro capítulo, passam a ser apresentados, de forma mais sistêmica, os estudos sobre Jornalismo e Ambiente. Neste ponto, estão destacadas as fases da cobertura em cada país – assunto que será desdobrado no quarto e quinto capítulos –, que contribuem para a compreensão do processo de formação do subcampo do Jornalismo Ambiental e suas tematizações no Brasil e em Portugal. De forma relacional, a discussão leva em conta a interação sócio-histórica de pelo menos cinco atores com o campo jornalístico: a comunidade científica; o Estado e suas instituições; movimentos sociais; partidos políticos, fundamentalmente os “verdes”; e as organizações ambientalistas não-governamentais.

Todo o texto é conduzido buscando um inédito entrelaçamento do panorama sugerido pelos dez estudos que foram base, sob três hipóteses: a primeira, da preponderância do discurso científico como enquadramento mais relevante dos temas ambientais na cobertura jornalística; a segunda, filiada a um paradigma multifatorial para compreensão da notícia (Sousa, 2000 e 2006), pensando a influência de uma agenda global na ação jornalística sobre o tema; em terceiro lugar, a presença (confirmada) das Análises de Conteúdo e de Discurso como caminho preponderante escolhido pelos pesquisadores dos dois países em seus estudos.

O sexto capítulo é espaço para a discussão sobre a possibilidade de pensar uma esfera pública ambiental. Como dito, os temas globais impulsionam que

Brasil e Portugal, guardadas suas especificidades, sejam espaços de abordagens convergentes dos meios sobre o ecológico, com forte papel do jornalismo no enquadramento de uma possível “agenda ambiental”, em especial a partir de 2002. Antes, essa agenda era algo impreciso e não sistematizado. Mais recentemente é delineada, nos termos dos autores, uma *ecosfera* contemporânea, fundamentada pelas interações mediadas pela comunicação.

O mapeamento apresentado no livro fornece oportunidades de caminhada para os interessados na temática. Isso porque, apontam as conclusões da pesquisa, os estudos desenvolvidos no Brasil e em Portugal não fazem referência entre si, a despeito das afinidades teóricas e metodológicas e similaridades de formação das agendas ambientais nacionais. Outro ponto a destacar é o perceptível tratamento teórico mais abrangente no caso dos portugueses, enquanto os pesquisadores brasileiros são mais focados na relação entre objeto empírico e pressupostos teóricos específicos, referentes ao problema investigado.

A jornada percorrida serve muito aos brasileiros, salientamos, pela boa utilização de dois estudos de reconhecido valor em Portugal, ainda sem equivalentes publicados aqui, seja em termos de largos períodos históricos e protagonismo da televisão, como é o enfoque de *O ambiente no ecrã* (Schmidt, 2005) ou na discussão sobre a consolidação de fontes não-oficiais como vozes de referência, tal como é feito em *A Quercus nas notícias* (Pereira Rosa, 2007)². A presença dos dois autores em vários momentos do livro não traz prejuízos à reflexão, pelo contrário. Faz pensar em horizontes potenciais de debate e na circulação do conhecimento produzido, necessária como fomento para novas investidas. O binômio Jornalismo e Ambiente, tal como sugere a conclusão da obra, deve ser trabalhado em novas frentes, completando os detalhes deste primeiro mapa.

Os autores apontam a necessidade de alargar a crítica sobre as práticas jornalísticas diante das problemáticas ecológicas. Ao mesmo tempo, interrogam-se acerca de uma possível exigência do Jornalismo Ambiental por processos mais complexos em seu fazer. Horizonte aberto, a nosso ver a questão sugere uma bifurcação. Primeiro: qual é a carga de significação da expressão Jornalismo Ambiental? Ela parece não ter, ainda, definição pacífica e até estar distante do *mero jornalismo sobre meio ambiente*, formato mais corriqueiramente observado. Para muitos, Jornalismo Ambiental sugere uma prática “engajada”, diferente do que se convencionou, de forma mais ou menos tranquila, em outras especializações. É um ponto a resolver ou até afirmar, algo que pode inclusive ser depreendido das conclusões do estudo. No livro, a perspectiva da complexidade é apontada como eixo teórico para essa definição, mas sem a

2. Schmidt (2003) investiga, com aguçado olhar sociológico, 40 anos de abordagem sobre ambiente na televisão pública portuguesa. Pereira Rosa (2006), com a prática jornalística como eixo de reflexão, percebe os deslocamentos que tornam *fonte* diversos atores sociais, em especial, a ONG ambientalista portuguesa Quercus.

pretensão de resolver a questão. Em segundo lugar, mas como decorrência do primeiro ponto, está a necessidade de adentrar mais no terreno das redações para compreender o “pensar” e o fazer dos jornalistas diante dos desafios que a problemática impõe.

Barros e Sousa destacam a potencialidade inovadora, do ponto de vista acadêmico, que a pesquisa sobre jornalismo e ambiente pode trazer para o campo e para a compreensão da contemporaneidade. Um tempo em que a pauta ecológica é presença constante no dizer sobre a vida social, materializando-se não apenas pela força factual de acontecimentos cotidianos: está em cadernos especiais, em séries de reportagens, em projetos editoriais de grandes conglomerados, em portais, sites e *blogs* jornalísticos; são diferentes intencionalidades, todas, porém, em sintonia com as ambivalências do presente.

Adesões, refutações, certezas e incertezas temperam, progressivamente, a ação jornalística nestes tempos quentes, tal como vêm sendo registradas as últimas décadas pelos climatologistas. Os estudos levantados por *Jornalismo e Ambiente: análise de investigações realizadas no Brasil e em Portugal* indicam um importante terreno, recurso para diferentes investidas, incluindo a de atravessar o oceano mais vezes. De posse da cartografia feita, está colocada a chance de construir outros diálogos e proximidades produtivas. ■

REFERÊNCIAS

- PEREIRA ROSA, Gonçalo. *A Quercus nas notícias: a consolidação de uma fonte não oficial nas notícias de ambiente*. Porto: Porto Editora, 2006.
- SCHMIDT, Luísa. *O ambiente no ecrã: emissões e demissões no serviço público televisivo*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2003.
- SOUSA, Jorge Pedro. *As notícias e seus efeitos: as teorias do jornalismo e dos efeitos sociais dos medias jornalísticos*. Coimbra: Minerva-Coimbra, 2000.
- _____. *Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006.

Resenha recebida em 22 de julho e aprovada em 23 de agosto de 2010.